

Uma perspectiva feminina sobre traduzir Xenofonte no Brasil de hoje

Lucia Sano¹

Resumo: O texto discute minha trajetória como pesquisadora de literatura grega antiga, da qual resulta a tradução de duas obras de Xenofonte de Atenas usualmente consideradas historiográficas: *Ciropédia* (2021) e *Anábase* (publicação prevista em 2024). Procuo refletir sobre como minha relação com a tradução dos clássicos se definiu (e se alterou) a partir do contexto mais amplo dos Estudos Clássicos no Brasil no século XXI, considerando-se, entre outros fatores, a expansão da nossa área de pesquisa no país, resultante de políticas públicas, as condições de trabalho no campo acadêmico e a ascensão do pensamento conservador e extremista no país nos últimos anos.

Palavras-chave: Tradução. Estudos Clássicos. Brasil. Xenofonte.

Neste artigo não me proponho a refletir sobre minhas escolhas a partir de uma determinada perspectiva teórica ou mesmo de princípios estéticos que antecedam e orientem as minhas traduções, mas escrevo acerca de alguns aspectos que me pareceram fundamentais como definidores do meu trabalho como tradutora, sobretudo da relação com a Academia e do contexto político brasileiro dos últimos anos.² Assim, o tema deste artigo, talvez eu pudesse argumentar, se insere no que hoje tem se chamado de *translator studies* (CHESTERMAN, 2009; KAINDL, 2021). A verdade, porém, é que não faço um estudo, mas apenas um relato em primeira pessoa, que alguns podem considerar sofrer demais daquilo

1 Professora Associada de Língua e Literatura Gregas da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). *E-mail*: lucia.sano@unifesp.br

2 Este artigo começou a ser redigido para o simpósio *Mulheres que traduzem clássicos*, que ocorreu em outubro de 2022. Participei da etapa do evento na Casa Guilherme de Almeida, em São Paulo. Agradeço a todas e todos da Universidade Federal Fluminense que estavam envolvidos na organização, em especial a Renata Cazarini de Freitas e Alice Haddad. Agradeço ainda a Rodrigo Barreto Ribeiro pelas sugestões de leitura.

que Pierre Bourdieu (1986) chamou de *ilusão biográfica*: a tendência de analisarmos nossa própria história como uma narrativa, vendo nela muito mais coerência e sequências lógicas onde de fato elas inexistem ou estão presentes em grau bem menor. Para mim, no entanto, basta que eventos pessoais sirvam de ponto de partida para reflexão. Penso que, antes de ser um caso específico, este relato fala também de estruturas que têm determinado o trabalho de muitas de nós e que ainda precisam ser reiteradamente expostas ou criticadas.

A minha atual empreitada na tradução, uma nova versão em português da *Anábasis* de Xenofonte, teve início no ano de 2017. Na época, planejava solicitar credenciamento no recém-fundado Programa de Pós-Graduação em Letras da Unifesp, uma universidade federal que só passara a oferecer cursos de graduação em Letras em 2009. Para tanto, redigi novo projeto de pesquisa. Eu já havia traduzido a *Ciropédia* e seguir com a *Anábasis* parecia bastante oportuno. Embora esta seja uma obra célebre, ela é, assim como a *Ciropédia*, pouco estudada e lida no Brasil, onde com alguma sorte ainda se pode encontrar, em sebos e livrarias, a versão portuguesa de Aquilino Ribeiro (1885-1963), intitulada *A Retirada dos dez mil*. Diferentemente de outros países em que é marginalizada,³ ao menos na área de Estudos Clássicos, a tradução é central na produção acadêmica brasileira e confere, portanto, pelo menos à parte das tradutoras, a liberdade de escolher as obras que deseja verter. Temos assim uma influência mais direta na definição de quais são os textos *clássicos* acessíveis a um público amplo.⁴ Entendo que, no processo de retradução, contribuo para reiteração do *status* de clássicos dado a essas obras xenofontianas, que talvez passem

3 Emily Wilson, em artigo publicado no jornal britânico *The Guardian* em 2017, associa o número pequeno de mulheres tradutoras de clássicos na língua inglesa à necessidade de produção de maior reconhecimento na Academia.

4 “Nonetheless, it can be argued that translation functions as one cultural practice through which a foreign text attains the status of a classic: the very fact of translation not only implies that the text has been judged valuable enough to bring into another culture, but also increases this value by generating such promotional devices as jacket copy, endorsements, and advertisements and by enabling such diverse modes of reception as reviews, course adoptions, and scholarly research” (VENUTI, 2008, p. 27). Cf. GALASSO, 2023, p. 5-7.

agora a ser um pouco mais lidas no país.

O projeto escrito em 2017 indicava início imediato, mas eu só entrei num processo contínuo de tradução da *Anábase* em agosto de 2020. O ano é aquele do início da pandemia de Covid-19; os primeiros casos no país haviam sido registrados na derradeira semana de fevereiro, quando findava o carnaval. Segundo estudo da Fiocruz,⁵ morreram, em decorrência do Covid-19, 230.452 brasileiros em 2020. Eu fui do tipo que, durante a pandemia, pôde ficar confinada em casa. E mais, fui do tipo que pôde procurar o que fazer: novas receitas, curso de desenho, yoga. Depois de alguns meses, me agarrei à tradução tão adiada; oportuno agora era apenas ter tarefas diárias bem definidas e cumpri-las para dar alguma ordem a um caos que não parecia ter fim.

Para a maior parte das mulheres professoras e pesquisadoras, a situação foi bem diferente. Mais e mais artigos comprovam, com base no número de publicações no período, que a desigualdade de gênero aumentou no ambiente acadêmico durante os anos em que a pandemia nos impôs medidas de contenção.⁶ Nesse caso, como em quase todo o resto, os impactos na Academia refletem um contexto mais amplo. Os autores de um artigo publicado no periódico *Lancet* resumem assim os seus principais achados:

Entre março de 2020 e setembro de 2021, as mulheres eram mais propensas a relatar perda de emprego (26.0% [intervalo de incerteza de 95% 23.8–28.8], em setembro de 2021) do que homens (20.4% [18.2–22.9], até setembro de 2021), bem como deixar o trabalho para cuidar de outras pessoas (proporção de mulheres para homens: 1.8 até março de 2020 e 2.4 até setembro de 2021). Mulheres e meninas

5 “Estudo analisa registro de óbitos por Covid-19 em 2020”, de autoria de Bel Levy, publicado no site da Fundação em 25 de outubro de 2021. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/estudo-analisa-registro-de-obitos-por-covid-19-em-2020>.

6 E. g. RIBAROVSKA et. al. (2021), IÑAKI et al. (2022).

tinham 1-21 vezes (1-20 a 1-21) mais chances do que homens e meninos de relatar o abandono escolar por outros motivos que não o fechamento da escola. As mulheres também tiveram 1-23 (1-22 a 1-23) vezes mais probabilidade do que os homens de relatar que a violência de gênero aumentou durante a pandemia. Em setembro de 2021, mulheres e homens não diferiram significativamente na hesitação ou aceitação da vacina (FLOR; FRIEDMAN *et. al.*, 2022, p. 2381).

O estudo foi feito por pesquisadores norte-americanos. Ainda que o último dado citado no trecho sugira o contrário, tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil, a porcentagem de mulheres que aceitou a vacina contra o vírus da Covid-19 quando ela foi disponibilizada foi maior que a dos homens.⁷ No Brasil, tínhamos um presidente que desencorajou o distanciamento social, agiu para atrasar a disponibilidade da vacina e atuou para criar desconfiança em torno da sua segurança e eficácia. Se aqui retomo o que vivíamos quando eu trabalhava na tradução da *Anábase*, é porque isso importa.

O convite para falar no evento *Mulheres que traduzem clássicos* me deu a oportunidade de refletir publicamente pela primeira vez sobre minha trajetória acadêmica e minhas escolhas enquanto tradutora. Quando me voltei à *Ciropédia* de Xenofonte, eu já havia vertido no mestrado o texto *Das narrativas verdadeiras*, de Luciano de Samósata, que foi publicado em 2015 em coletânea organizada pelo professor Jacyntho Brandão. Sozinha, fiz algumas tentativas de publicar a tradução antes disso, sem nunca atrair

7 Manchete de uma notícia do jornal Folha de São Paulo (em 02 jun. 2021) de autoria de Rafael Balago: “Nos EUA e no Brasil, mulheres se vacinam mais contra Covid do que homens”.

interesse. De Luciano para o estudo do romance grego, tema do meu doutorado, o pulo foi pequeno, já que eu ainda lidava com o contexto cultural do império romano e com a ficção em prosa. Ao defender a tese, no fim de 2013, porém, a minha vontade era de mudar de ares, mas continuar estudando a narrativa em prosa grega. A *Ciropédia* havia chamado minha atenção quando soube que a obra era considerada uma espécie de precursora do romance grego. A descoberta foi talvez tardia, mas colaborou para isso o fato de que Xenofonte não foi leitura indicada em nenhum curso que fiz na graduação ou na pós, tendo o autor estado nos últimos tempos à sombra de Platão e Tucídides.

Já havia adquirido os três volumes da edição da Les Belles-Lettres da *Ciropédia*, quando recebi um *e-mail*, no início de 2014, sondando meu interesse em fazer uma tradução do texto. Era do Alcino Leite Neto, então editor da Três Estrelas, que me contatava por indicação do professor Breno Sebastiani. Foi uma coincidência feliz. Assinei o contrato e entreguei a primeira versão completa da *Ciropédia* em meados de 2016, pouco mais de dois anos depois, quando a editora já passava por mudanças. Em seguida, veio a notícia de que ela seria fechada, em posse dos direitos autorais da minha tradução. Não havia o que fazer, senão esperar. Somente em 2019, Rita Mattar, que viria a ser minha editora na Fósforo, me procurou para dizer que havia boas perspectivas do meu texto ser publicado, o que aconteceu em 2021.⁸ Foram cinco anos de espera até o texto chegar às livrarias. Esse é um resumo do percurso que me possibilitou estar entre os cinco finalistas do prêmio Jabuti de 2022 na categoria tradução.

Na verdade, minha primeiríssima experiência com tradução havia sido uma iniciação científica financiada pela Capes por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic), sob supervisão da

8 Rita Mattar foi cuidadosa e respeitosa com meu trabalho de tradução ao longo de todo o processo de edição, em que eu fui sempre consultada. Não participei da elaboração do projeto gráfico, mas ajudei a escolher a passagem da *Ciropédia* que consta na contracapa. Devo mencionar ainda o trabalho de preparação da Dra. Camila Zanon, amiga e helenista de grande talento, que deu contribuições importantes para a tradução final.

professora Adriane Duarte, na USP. Foi ainda na graduação, portanto, que fiz uma versão inicial do primeiro livro de *Das narrativas verdadeiras*. Convém aqui não registrar só o sucesso: por duas vezes tive meu pedido de bolsa negado pela Fapesp e a justificativa dada pelo parecerista estava centrada justamente na falta de um entendimento teórico do processo de traduzir. Não fosse o programa Pibic e o incentivo da minha orientadora, eu possivelmente teria desistido da carreira acadêmica naquele momento. E não só por causa da frustração. Ainda que fosse boa aluna, não me via participando dos debates dos grupos majoritariamente masculinos que eu via pelos corredores de uma faculdade majoritariamente feminina. Naqueles dias de graduação, a minha tradução voltava repleta de correções da mão da Adriane, que ainda podava meu humor involuntário, como quando eu me decidia pela palavra *broquel* em vez de *escudo*. Não diria que sou uma tradutora nata.

Meu projeto de mestrado se estruturou depois em tradução e estudo do texto, um formato que se tornou típico do Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da USP nos anos seguintes.⁹ Em 2009, um ano depois de tornar mestre, eu já era professorada concursada da Unifesp, trabalhando num *campus* com novos cursos da área de Humanas. Dei sorte de ter um título numa época em que o programa Reuni financiava a expansão do ensino superior público e gratuito, aumentando os investimentos em instituições federais tradicionais e criando novas universidades. Sem esse cargo, não tenho dúvida, a tradução da *Ciropédia* não teria sido assinada por mim. Talvez nem existisse. Afinal, somos nós, todas pesquisadoras, que hoje estamos traduzindo clássicos gregos e latinos no Brasil.

O trabalho com Xenofonte, aliás, acabou alterando os rumos da minha produção como pesquisadora. Por causa do autor, passei a ser percebida como alguém que podia transitar entre a literatura e a historiografia, e fui

⁹ A tradução disponibilizada no meu mestrado, acessível pelo banco digital de teses da USP, porém, contém erros que não pude corrigir. Considero a versão de 2015 mais amadurecida.

convidada a colaborar com projetos de temática bastante diferente dos que eu havia participado até então. Esse trânsito entre o fictício e o histórico continua sendo, para mim, difícil, mas nos anos seguintes me dediquei a ele, enquanto me desiludia com a ideia de que eu veria o Brasil apenas progredir ao longo da minha vida adulta, uma ilusão que havia nascido quando eu era criança com o Plano Real e se cristalizara com os programas que visavam trazer ao ensino superior estudantes que eram a primeira geração de suas famílias a frequentar a universidade. Sair da ilusão foi difícil. Fui por fim obrigada a entender que o nosso sistema democrático sequer é sólido.

Escrevi, então, a partir da obra de Xenofonte, sobre os momentos por ele registrados em que a violência e a injustiça puderam ser estimuladas pela manipulação das emoções políticas; escrevi também sobre de que forma o percurso de Terâmenes, morto pelo regime dos Trinta Tiranos em Atenas, poderia ser lido nas suas *Helênicas* como um alerta ainda válido àqueles que decidem apoiar de forma utilitária líderes violentos cujos objetivos incluem a derrocada da democracia.

Passei, ainda, a desejar discutir a heroicização da violência masculina enquanto parte do legado antigo e argumentei que o questionamento da representação essencialmente positiva da guerra empreendida por Ciro, o Grande, é feita na própria *Ciropédia* na história da única personagem feminina importante, Panteia, que morre arrependida de atuar em causa da ambição de Ciro. Evidentemente, não acredito que o gênero sexual possa explicar os gostos por um ou outro tema. Sei hoje, porém, após a leitura de um texto da historiadora militar Nadejda Williams, publicado no *Eidolon* em janeiro de 2018, que, embora as mulheres que estudem militarismo na Antiguidade sejam uma reconhecida minoria,¹⁰ suas pesquisas tendem,

10 THONEMAN (2019) mapeia gêneros sexuais, preferências temáticas e vies editorial em publicações em inglês de Estudos Clássicos. Priorizando a organização dos chamados *Companions*, em que os autores são geralmente convidados pelos editores, o autor conclui que a área em que há maior predominância de pesquisadores homens é a história militar.

mais que as dos homens, a se focar nos traumas e sofrimentos das vítimas das guerras.

Pesquisando e refletindo para o evento *Mulheres que traduzem clássicos*, percebi também que tendo a tratar mais eufemisticamente a violência representada nos textos, de algum modo a atenuando, e agora passo a um exemplo disso. Comparo aqui um trecho da minha tradução da *Ciropédia* (VI.1.31) com uma mais recente feita por Emerson Cerdas:

Como Ciro queria enviar um espião para Lídia para saber o que estava fazendo o rei assírio, pareceu-lhe que o mais indicado para essa missão era Araspas, o guardião daquela bela mulher, pois a situação de Araspas tinha chegado ao ponto em que, tomado de paixão por ela, foi forçado a fazer-lhe propostas amorosas (SANO, 2021, p. 254-255).

Ciro, querendo enviar um espião à Lídia para descobrir as ações do Assírio, pareceu-lhe adequado para a missão Araspas, o guarda da bela mulher. Pois a Araspas ocorrera o seguinte: tomado de amor pela mulher, se viu constrangido a propor-lhe relações sexuais (CERDAS, 2020, p. 30)

A minha versão é a primeira e o motivo do arrependimento é o “propostas amorosas”, mais acertadamente vertido por “relações sexuais” por Cerdas, que deixa mais explícita a violência da investida indesejada de Araspas sobre Panteia; o termo grego é *sunousia* (συνουσία). Refleti a respeito dos meus motivos para tal escolha, que ajuda a caracterizar Araspas de forma menos negativa. Percebo agora que o eufemismo pode ser um aspecto da minha linguagem e que devo me policiar para não o usar em traduções em momentos descabidos. Não acredito que haja algo

que se possa considerar tradução feminina,¹¹ assim como não acho possível constranger autoras dos mais diferentes contextos, temas e interesses na categoria *literatura feminina*, mas, admito, não acharia estranho caso me digam que há justificativas sociais para um uso maior de eufemismos desnecessários por mulheres.

Quando a *Ciropédia* foi finalmente publicada em 2021, sem dúvida superestimando a importância da apresentação da minha tradução ao público, na época do lançamento, eu me afligi pensando, entre outras coisas, que o Xenofonte pudesse ser visto, numa leitura enviesada, como um defensor pioneiro da meritocracia nos moldes em que hoje é propagada, em que se defende que cada pessoa pode e deve ascender economicamente sem que para isso sejam decisivas as suas condições iniciais. Admito que essa ideia foi alimentada, pouco depois do lançamento, por uma resenha de um leitor num site de vendas de livros que, entusiasmado com *Ciropédia*, parecia entender como fundamento do seu sucesso o fato de que naquela época inexistia o que muitos chamam de *vitimização*. O ano, repito, era 2021, a crise no país se agravava, e eu entendia qualquer texto público como passível de ser objeto da disputa política atual. É verdade que o exército vitorioso que *Ciropédia* é estimulado pela competição entre os soldados, que são recompensados de acordo com o mérito de cada um, mas sua excelência só passa a existir quando a persas pobres e a persas ricos são dadas condições idênticas de armamento, treinamento e alimentação, tendo em vista o que se entende, na economia da obra, como bem comum, ou seja, a expansão do poder de *Ciropédia*. Anteriormente, o narrador xenofontiano já havia explicado que o acesso à educação na

11 Para uma abordagem inteligente da questão, cf. MYERS (2019) que discute as metáforas utilizadas em críticas de traduções feitas por mulheres e homens.

Pérsia era irrestrito (aos homens), mas que, na prática, os pobres largavam a escola e o treinamento para guerra porque precisavam trabalhar.

Além disso, antes do lançamento da *Ciropédia*, eu havia me visto diante dos editores da Fósforo defendendo a manutenção de estranhamentos na minha tradução, o que para mim foi algo surpreendente, uma vez que sempre me achei uma tradutora afeita a anacronismos e modernizações que não escondam da leitora que o texto grego sofreu intermediações ao longo do tempo, a tradução sendo uma dessas intermediações, e que não existe acesso direto às obras antigas. Na preparação do texto, me opus até mesmo a algumas notas explicativas que pudessem me soar minimamente condescendentes com a leitora.

A tradução é com frequência vista como um processo sempre frustrante, que produziria a sensação talvez mais celebrenemente descrita por Paul Ricoeur (2006) como resistência ao próprio ato de traduzir, o enfrentamento da intraduzibilidade. No caso da literatura antiga, foi sobretudo nas obras historiográficas que esse desafio resultou em mera transliteração de palavras. Essa é uma opção que reflete aquilo que Neville Morley (2008) chama de “das Altertum das sich nicht übersetzen lässt” (a Antiguidade que não pode ser traduzida). De fato, conceitos gregos como *pólis* ou *demos*, ou latinos, como *familia* e *res publica*, são mais complexos do que as palavras tipicamente vistas como correspondentes em línguas modernas permitem transmitir, e às vezes o tradutor justifica sua preferência pela transliteração pelo fato de que ela permitiria maior discernimento da cultura representada no texto. Assim, “a Antiguidade Clássica é entendida e representada por historiadores tanto como diretamente acessível e compreensível, quanto como algo claramente distante e não-moderno; parcialmente traduzível e parcialmente resistente à tradução” (MORLEY, 2008, p. 129).

Embora eu recuse as transliterações como estratégia de tradução, entendi, no processo de edição da *Ciropédia*, que havia ainda um passo

em direção à adaptação do texto para um público contemporâneo e não especialista que eu não queria dar. Para mim, a leitora brasileira deveria sentir constantemente que a Antiguidade é distante da contemporaneidade e se assenta numa base diferente de conhecimento, valores e imagens. Hoje trabalho na revisão da *Anábise* e, onde há helenismos, ainda que raros e desconhecidos, eu os tentarei manter em pequeno número na negociação com os editores. Em todo o resto, procurei ser simples e clara como quase sempre é o texto xenofontiano e abduco das facilidades do uso do “tu” pelo dificultoso “você” em português, que deixa a tradutora com a tarefa extra de evitar ambiguidades e repetições. Falo, porém, em *harmosta*, *navarco*, *agorânomo*, onde antigamente eu talvez dissesse *governante*, *almirante*, *fiscal*; passei a ver essas palavras como lembretes lexicais de que podemos, mas talvez nem sempre devamos, ler o texto antigo sem dificuldades.

Sou hoje uma tradutora mais autoconsciente, mas também porque me tornei uma leitora mais crítica dos clássicos. O debate público dos últimos anos, os embates políticos acentuados pela pandemia, o questionamento da pertinência do estudo das obras gregas e latinas num país colonizado (em um momento em que o seu valor não é mais tido como autoevidente), o medo do retrocesso e da tirania me moveram de onde eu estava. Isso ficou claro nos artigos que eu escrevia e me peguei ponderando como eu havia mudado também como tradutora. Ora, a teoria e as práticas da tradução feminista me parecem já ter demonstrado muito bem o que é uma tradução consciente do seu aspecto político;¹² os métodos interventores e corretores são ferramentas oferecidas pelas mulheres, mas não me sinto à vontade com tal grandeza de agressão e incorporação.¹³ Ainda assim, o desejo de intervenção no texto existe. No fim do livro I da *Anábise*, quando

12 “Over the past decade a number of women translators have assumed the right to query their source texts from a feminist perspective, to intervene and make changes when the texts depart from this perspective. Drawing attention to the political clout they personally assign to language and to the impact of a translator’s politics, they openly intervene in their texts” (FLOTOW, 1997, p. 24). Para uma revisão dos estudos sobre tradução literária feminista, cf. IRSHAD, YASMIN (2022).

13 Agressão e incorporação são os estágios intermediários de qualquer processo tradutório, conforme George Steiner (1975). A variedade de graus é impressão minha.

Ciro, o Jovem, já está morto em campo de batalha, o narrador relata que uma de suas concubinas fora presa pelos persas de Artaxerxes II (1.10.2). Xenofonte apenas diz que ela era chamada de “sábua e bela”. O que é duas vezes frustrante nesse breve registro é o fato de sabermos não só que essa mulher, apelidada de Aspásia, foi uma figura singular, mas também que Xenofonte é capaz de explorar o interesse narrativo e político de uma mulher sábua e bela, como ele demonstra no caso de Panteia na *Ciropédia*. Nenhum desenvolvimento parecido é dado às poucas figuras femininas na *Anábase* e, por isso, eu expando o texto xenofontiano com notas explicativas.

Creio também que distanciar e aproximar a leitora do mundo antigo são ambos movimentos possíveis e importantes numa mesma tradução. Vou dar um exemplo de aproximação que considero bastante válido. O diálogo *Econômico*, também de Xenofonte, foi publicado em tradução da professora Anna Lia de Almeida Prado em 1999. Essa obra trata de economia doméstica. Prado decidiu traduzir a palavra grega *periousia* (περιουσία) como *superávit*, em vez de usar um termo mais banal, como “excesso”. Admirei o tamanho da sua ousadia com esse anacronismo. Trago esse exemplo aqui porque acho que escolher um termo tão técnico e moderno como *superávit* tem como efeito dar ao texto uma sofisticação de conceito e de reflexão que se quis negar a Xenofonte, visto muitas vezes, em tempos mais recentes, como um autor enfadonho ou simplório, algo que está longe de ser verdade.

Dou outro exemplo, agora retirado da minha atual tradução de um trecho do livro VI da *Anábase*¹⁴ em que o exército grego, já em território familiar, empreende um ataque a umas vilas na Trácia (VI.3.3):

καὶ ἄτε ἐξαίφνης ἐπιπεσόντες ἀνδράποδά τε πολλὰ
ἔλαβον καὶ πρόβατα πολλὰ περιβάλλοντο.

Creio que algum tempo atrás eu teria traduzido o trecho assim:

14 Neste momento, a minha tradução da *Anábase* ainda não passou pelo processo de preparação e edição e, por isso, ela ainda deve ser considerada provisória.

“porque realizavam um ataque repentino, capturaram muitos prisioneiros e estavam conseguindo cercar muitos animais”. A palavra *andrápoda* (ἀνδράποδα) utilizada na passagem, porém, designa homens capturados para serem vendidos como escravos. Minha tradução atual é esta: “porque realizavam um ataque repentino, capturaram muitos humanos para escravizar e estavam conseguindo cercar muitos animais”. Os gregos tomam prisioneiros várias vezes ao longo da *Anábese*, e penso que o horror da escravidão deve ser evidenciado. Alguém poderia argumentar que a tradução problematiza o que para os gregos era prática aceitável e comum, que os direitos humanos são algo recente no nosso imaginário, como talvez eu mesma tivesse pensado algum tempo atrás. Respondo que a intenção é essa porque hoje, mais do que ontem, eu acho que problematizar é importante.

O mundo antigo é distante do nosso, é isso que quero dizer, mas ele continua a influenciar nosso entendimento do mundo atualmente; traduzi-lo de uma forma que tente desnaturalizar seus aspectos negativos não significa desfigurá-lo. Ora, relembro que a *Anábese* circulou retalhada durante parte da história da sua recepção,¹⁵ em edições que privilegiavam seu conteúdo mais facilmente reconhecido como heroico e edificante: a marcha valorosa dos soldados que escapam das entranhas do império persa superando um sem-número de intempéries até alcançar o mar. Há menos interesse em lembrar, por exemplo, que, no último episódio da narrativa, Xenofonte e outros gregos que nada haviam lucrado ao participar da empreitada de Ciro (e na de Seutes, uma figura bem mais medíocre) enriquecem porque, da perspectiva do narrador, os deuses os auxiliam a assaltar e prender um persa de nome Asídates, sua mulher e seus filhos e a roubar tudo o que eles tinham. É um final feliz para Xenofonte, que descreve a ação como marcial, sancionada pelos deuses, contra um

15 Em geral, em edições que podemos chamar *escolares* a partir da segunda metade do século XIX. Cf. ROOD, 2004, p. 45.

persa visto como inimigo. No entanto, o caráter privado da ação (hoje) incomoda. Isso ainda é heroico?

Bess Myers (2019), comparando as formas como Robert Fagles e Emily Wilson descrevem seus processos tradutórios da poesia homérica, observa:

Em vez de descrever como ela canalizou a musa da tradução, Wilson reconheceu o tempo e o esforço necessários para traduzir [...] O que é significativo aqui é a maneira como esses dois tradutores falaram sobre o trabalho de traduzir. Fagles elaborou uma narrativa de seu processo que soa como inspiração divina, como se ele e Homero canalizassem a mesma musa e falassem na mesma voz. O relato de Wilson destaca o fato de que o trabalho de tradução é apenas isso – trabalho. (MYERS, 2019, s. p, tradução nossa)¹⁶

Tradução é trabalho, é assim que eu também, como Emily Wilson, a encaro. Embora seja uma atividade criativa em que posso pôr em prática meu amor pela escrita, não a vejo como expressão da minha verve artística ou inspirada, tampouco sei como invocar as musas depois de meses olhando para uma mesma passagem sem perceber como aprimorá-la. Enquanto professora concursada, entendo que tenho uma posição privilegiada, mas quero repetir que nossas condições de trabalho poderiam melhorar. A *Ciropédia* foi publicada com 400 páginas. A *Anábasis* terá mais ou menos

16 “Rather than describing how she channeled the muse of translation, Wilson acknowledged the time and effort that translating takes [...] What is significant here is the way these two translators have talked about the labor of translating. Fagles crafted a narrative of his process that sounds like divine inspiration, as though both he and Homer channeled the same muse and spoke in the same voice. Wilson’s account highlights the fact that the work of translation is just that – work”.

o mesmo número. O tempo que levei para traduzir cada uma dessas obras se conta em anos e o que levei para revisá-las acresce mais alguns anos à conta. São textos longos e as horas de trabalho necessárias não seriam pagas de forma justa por editora nenhuma, haja vista que são muitas. Na minha opinião, as traduções foram possíveis apenas porque minha vida de tradutora está atrelada à minha vida de docente pesquisadora concursada.

Volto ao fato inicial de que redigi o projeto de tradução da *Anábase* ainda em 2017, mas consegui traduzir o texto somente anos depois, no período de isolamento social provocado pela pandemia de Covid-19, quando quase todas as nossas atividades cotidianas fora de casa foram interrompidas e o trabalho de traduzir me dava uma sensação mínima de controle. O projeto pouco havia avançado desde 2017 em razão do fato de que o trabalho de tradução de um texto tão longo exige tempo, e nessa época eu havia passado a compor a chefia do departamento de Letras, em que me mantive por três anos. As exigências cotidianas do cargo de chefia e as metas de produção a cumprir como professora da pós-graduação dificultaram o desenvolvimento do projeto, uma vez que ele tomava quase todo o meu tempo. Ora, eu sabia que ter poucas publicações faria com que fosse mais difícil que alunas orientadas por mim recebessem bolsas de pesquisa e a minha responsabilidade era também com elas. Tive que deixar a *Anábase* em suspenso e fui avolumar minha produção.

Assim, louvável que seja o projeto de expansão do ensino superior de qualidade e gratuito, e a democratização de acesso que pôde promover até o ano de 2016 (e, esperamos, volte a promover), as estruturas tradicionais estão em grande parte sendo reproduzidas na organização do nosso campo de atuação. E aqui incluo a desigualdade de gênero – como exemplo menciono o trabalho feito por Carolina Araújo, que demonstrou esse fato na área de Filosofia em artigo publicado em 2019; não vejo motivos para achar que em outras áreas os achados seriam diferentes. É possível que alguém viesse me dizer que eu não traduzi nesses anos por

incapacidade individual, mas em nada me interessa expandir minha capacidade de trabalho. O fato é que mantendo esse ritmo e correndo para atender as exigências de número de orientações, tipos de publicação e internacionalização da minha pesquisa, talvez eu não consiga mais assinar tradução nenhuma depois da *Anábasis*. Pelo menos não uma longa, que consuma tanto tempo de dedicação e valha tão poucos pontos nas avaliações a que somos submetidas. Acrescento às condições de trabalho o fato de que, já há algum tempo, sou uma das cuidadoras de familiares, uma situação que torna mais complexo o equilíbrio das responsabilidades e impede, por exemplo, afastamentos longos no exterior. Historicamente, mais mulheres do que homens se ocupam dos cuidados com familiares e as pesquisadoras mães são mais exigidas que os pais; a demanda de produção, no entanto, é constante e a mesma para todos em termos quantitativos. Se queremos mais mulheres tradutoras de clássicos, promover mudanças nas condições em que esse trabalho é feito é algo necessário. Recentemente tomei conhecimento de um mapeamento de desigualdades na área de Estudos Clássicos no Reino Unido, produzido para o Council of University Classical Departments (CUCD), que prevê relatórios regulares.¹⁷ Ver os problemas pessoais que eu enfrento citados e quantificados enquanto questões sociais foi algo importante para mim. Não se trata, porém, apenas de visibilidade: o relatório é acompanhado de propostas concretas para lidar com as desigualdades.

Nos anos após a minha entrada na Unifesp, vi ainda muitos dos meus contemporâneos na graduação da USP, tanto do latim quanto do grego, assumirem vagas em universidades federais. Só que todos eram homens. Não vi colega mulher, da minha época de graduação da USP, se tornar professora nessa expansão e reconstrução promovida no âmbito federal.

¹⁷ O relatório que consultei está disponível no site do Council of University Classical Departments. Ele é intitulado *Equality and Diversity in Classics Report*, data de novembro de 2020 e é de responsabilidade de Victoria Leonard e Helen Lovatt.

Evidentemente, não se trata de um problema de talento: algumas delas continuam construindo carreiras acadêmicas sólidas e invejáveis, outras foram ser bem-sucedidas em outros espaços ou países. Talvez, é claro, tenham influenciado o acaso e o desejo de cada uma das minhas colegas mulheres, eu não tenho como saber; mas a desigualdade é tanta que me faz suspeitar de respostas que desconsiderem as estruturas sociais.

Desse modo, entendo como indispensável que os homens também sejam convidados a refletir sobre propostas para lidar com a desigualdade de gênero. Pensar em como dar cabo desse problema específico é um trabalho que, no mais das vezes, é acrescido à pilha das tarefas a serem realizadas pelas mulheres. Ora, sem fazer um levantamento de fato, me ocorre que há apenas homens professores de grego clássico na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na Federal do Paraná, na Federal da Bahia e na Federal de Minas Gerais (após a aposentadoria recente da professora Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa). Se queremos, nós e eles, diminuir a desigualdade e são eles que estão em maioria nessas posições de autoridade, o trabalho de reflexão tem que ser deles também. Sem a generosidade de colegas homens que me abriram portas, talvez eu não tivesse publicado nem a primeira, nem a segunda das traduções que assinei. Talvez a *Ciropédia* nem existisse.

Seria ainda algo interessante que os tradutores homens fossem em algum momento, como são as mulheres, questionados a respeito de como seu gênero influencia suas escolhas tradutórias e a recepção do seu trabalho, que a meu ver tende a ser mais positiva e festejada que a das mulheres.

Referências

ARAÚJO, Carolina. Quatorze anos de desigualdade: Mulheres na carreira acadêmica de Filosofia no Brasil entre 2004 e 2017. *Cadernos de Filosofia Alemã*, v. 24, n. 1, p. 13-33, 2019.

BALAGO, Rafael. Nos EUA e no Brasil, mulheres se vacinam mais contra

Covid do que homens. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 02 jul. 2021. Caderno Mundo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/07/nos-eua-e-no-brasil-mulheres-tomaram-mais-vacinas-contracovid-do-que-homens.shtml>. Acesso em 13 jun. 2023.

BORDIEU, Pierre. L'illusion biographique. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n. 62-63, p. 69-72, 1986.

BRANDÃO, Jacyntho Lins (org.). *Luciano de Samósata*: Biografia Literária. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2015.

CERDAS, Emerson. O Conto de Panteia: Introdução, Tradução e Notas. *Translatio*, n. 19, p. 16-40, 2020.

CHESTERMAN, Andrew. The Name and Nature of Translator Studies. *Hermes – Journal of Language and Communication in Business*, n. 42, p. 13-22, 2009.

FLOR, Luisa S.; FRIEDMAN, Joseph *et al.* Quantifying the effects of the COVID-19 pandemic on gender equality on health, social, and economic indicators: a comprehensive review of data from March, 2020, to September, 2021. *Lancet*, v. 399, p. 2381–97, 2022.

FLOTOW, Luise von. *Translation and Gender*. Manchester/Ottawa: St. Jerome/University of Ottawa Press, 1997.

GALASSO, Regina (ed.). *This is a Classic*. Translators on Making Writers Global. New York/London: Bloomsbury Academic, 2023.

IÑAKI, Ucar *et al.* Mind the gender gap: Covid-19 lockdown effects on gender differences in preprint submissions. *Plos One*. Publicado em 25 mar. 2022. Disponível em <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0264265>. Acesso em 13 jun. 2023.

IRSHARD, Isra; YASMIN, Musarat. Feminism and literary translation: A systematic review. *Heliyon*, vol. 8., n. 3, 2022. Disponível em <https://doi.org/10.1016/j.heliyon.2022.e09082>. Acesso em 13 jun. 2023.

KAINDL, Klaus. (Literary) Translator Studies: Shaping the field. In: KAINDL, Klaus; KOLB, Waltraud; SCHLAGER, Daniela. *Literary Translator Studies*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 2021, p. 1-38.

LEONARD, Victoria; LOVATT, Helen. *Equality and Diversity in Classics Report*. Council of University Classical Departments, 2020. Disponível em: <https://cucd.blogs.sas.ac.uk/files/2020/11/CUCD-Equality-and-Diversity-Report-2020.pdf>. Acesso em 13 jun. 2023.

LEVY, Bel. Estudo analisa registro de óbitos por Covid-19 em 2020. *Site da Fundação Oswaldo Cruz*. 25 ago. 2021. Notícias. Disponível em <https://portal.fiocruz.br/noticia/estudo-analisa-registro-de-obitos-por-covid-19-em-2020>. Acesso em 13 jun. 2023.

MORLEY, Neville. 'Das Altertum das sich nicht übersetzen lässt': Translation and Untranslatability in Ancient History. In: LIANERI, Alexandra, ZAJKO, Vanda (eds). *Translation and the Classic*. Oxford: Oxford University Press, 2008, p. 128-146.

MYERS, Bess. Women Who Translate. *Eidolon*, Disponível em <https://eidolon.pub/women-who-translate-7966e56b3df2>. Acesso em 5 ago. 2022.

RIBAROVSKA, Alana K. *et al.* Gender inequality in publishing during the COVID-19 pandemic. *Brain, Behavior, and Immunity*, v. 91, p. 1-3, 2021.

RICOEUR, Paul. *On Translation*. London: Routledge, 2006.

ROOD, T. *The Sea! The Sea! The Shout of the Ten Thousand in the Modern Imagination*. London: Duckworth, 2004.

STEINER, George. The Hermeneutic Motion. In: *After Babel*. London/New York: Oxford University Press, 1975, p. 296-413.

THONEMAN, Peter. Gender, Subject Preference, and Editorial Bias in Classical Studies, 2001–2019. *Council of University Classical Departments Bulletin* 48, 2019, p. 1-24. Disponível em <https://cucd.blogs.sas.ac.uk/files/2019/09/THONEMANN-Gender-subject-preference-editorial-bias.pdf>. Acesso em 13 jun. 2023.

VENUTI, Lawrence. Translation, Interpretation, Canon Formation. In: LIANERI, Alexandra, ZAJKO, Vanda (eds). *Translation and the Classic*. Oxford: Oxford University Press, 2008, p. 27-51.

WILLIAMS, Nadejda. There are more women military historians than ever before. Why hasn't the field noticed? *Eidolon*, 11 jan. 2018. Disponível em: <https://eidolon.pub/there-are-more-women-military-historians-than-ever-before-why-hasnt-the-field-noticed-1c26f62f2d4>. Acesso em 13 jun. 2023.

WILSON, Emily. Found in translation: how women are making the classics their own. *The Guardian*, London, 07 jul. 2017. Culture: Books. Disponível em <https://www.theguardian.com/books/2017/jul/07/women-classics-translation-female-scholars-translators>. Acesso em 13 jun. 2023.

XENOFONTE. *Econômico*. Tradução de A. L. A. de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

XENOFONTE. *Ciropédia*. Tradução de L. Sano. São Paulo: Fósforo, 2021.

A female perspective on translating Xenophon in Brazil today

Abstract: The text discusses my journey as a researcher of ancient Greek literature, which resulted in the translation of two works by Xenophon of Athens, usually considered as historiographical: Cyropaedia (2021) and Anabasis (to be published in 2024). I try to reflect on how my approach to the translation of the Classics was defined (and modified) in relation to the broader context of Classical Studies in Brazil in the 21st century. I consider, among other factors, the expansion of our research area, as a result of public policies; the working conditions in the academic field, and the rise of the conservative and extremist thinking in Brazil in recent years.

Keywords: Translation. Classical Studies. Brazil. Xenophon.